

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>



SOUTHEY, Robert (Bristol, 1774 – Keswick, 1843)

Robert Southey é sem dúvida um nome incontornável para a compreensão das complexidades relativas aos processos de formação da nação que se deram no Brasil, em Portugal e na Grã-Bretanha, assim como para o entendimento das práticas relativas à historiografia e literatura modernas. Evocar o seu nome implica de imediato na abertura para conceitos, linguagens, narrativas e afetos que perpassaram a sua prática como historiador, poeta, biógrafo e ensaísta. Sua atividade intensa como escritor implicou na elaboração e enunciação de projetos de nação em disputa no mundo lusófono e britânico, que tiveram ressonância significativa na opinião pública. Robert Southey foi um homem de letras completo e multifacetado, de forma que a sua obra e a sua personalidade resistem a quaisquer esquematismos ou definições solares, tendo em vista a constituição de suas sensibilidades em meio a fronteiras espaciais, historiográficas e literárias fluidas.

Robert Southey nasceu em Bristol, na Inglaterra, em 12 de agosto de 1774. Filho do modesto comerciante Robert Southey e de Margaret Hill. Seus tios maternos exerceram grande influência em sua vida. Na infância, Southey passou longas temporadas com a meia irmã de Margaret, Elizabeth Tyler, residindo com ela em Bath, Bedminster e Bristol.

Em 1788, iniciou seus estudos em Westminster. Lá, conheceu Grovesnor Bedford e Charles Wynn, que se tornaram seus amigos e correspondentes por toda a vida. Wynn, oriundo de família nobre, ajudou Southey durante sua carreira, fosse com a concessão de pensões, ou por meio de sua influência política. Em Westminster, acabou sendo expulso por expressar objeção às punições corporais às quais os estudantes eram submetidos.

Em janeiro de 1793, foi admitido no Balliol College, em Oxford. O seu pai morreu falido em dezembro de 1792, sendo o tio materno, Herbert Hill, o responsável pelo custeio dos seus estudos. Enquanto Hill tinha a expectativa do sobrinho se tornar um clérigo anglicano como ele, Southey nutria grande entusiasmo com os desdobramentos populares da Revolução Francesa.

Iniciou sua amizade com Samuel Taylor Coleridge em junho de 1794, em Oxford. Logo idealizaram a sociedade comunal Pantisocracia, inspirada nas leituras de William Godwin e David Hartley. O seu plano era que a comunidade se estabelecesse em Kentucky, destino alterado posteriormente para a Pensilvânia. As irmãs de origem humilde, Edith e Sara Fricker, com as quais Southey – a contragosto dos tios – e Coleridge respectivamente se casaram em 1795, faziam parte do projeto desde o seu início. Ao longo de 1795, o



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

entusiasmo de Southey se arrefeceu devido às diferenças com Coleridge e a pressões familiares, especialmente de Hill, capelão da marinha britânica em Lisboa.

Hill convenceu Southey a viajar com ele pela Espanha e Portugal, tendo por objetivo afastar o sobrinho dos ideais republicanos e pantisocráticos. Hill e Southey chegaram à Corunha em 13 de dezembro. Posteriormente, foram para Lisboa, onde chegaram em 27 de janeiro de 1796. Seu retorno para Bristol aconteceria em 14 de maio de 1796. Logo após a partida para a Península Ibérica, foi publicado o poema épico *Joan of Arc*, de forte inspiração republicana. As estadias e viagens pela Península Ibérica foram decisivas para a publicação das *Letters Written During a Short Residence in Spain and Portugal*, em 1797.

A edição de 1797 das *Letters* é constituída por 30 cartas, que relatam as impressões do jovem viajante sobre o cotidiano, os costumes e instituições de Espanha e Portugal, misturadas com poesias do próprio Southey e poesias, fábulas, diálogos, epigramas, tabelas estatísticas e textos em prosa de autores ibéricos. Apesar do caráter assistemático da obra, Southey teve um objetivo bem claro ao publicá-la, qual seja, mostrar o quanto excursionar e viver em Portugal e Espanha era desagradável para um homem civilizado.

Após o retorno de Portugal, começou escrever sobre a literatura ibérica em periódicos britânicos, resenhando traduções e comentando relatos de viagens. Em 1796, pela *Monthly Magazine*, publicou duas pequenas resenhas, uma sobre o poeta Félix Lope de Vega (1562-1635) e uma sobre a tradução de Camões para o inglês pelo poeta escocês William Julius Mickle (1735-88). Publicou pequenas resenhas sobre os poetas espanhóis Estebán Manuel de Villegas (1589-1669) e Bartolomé Leonardo de Argensola (1562-1631) em 1797. No ano seguinte, resenhou o relato de viagem do arquiteto irlandês James Cavanah Murphy (1760-1814), *General View of Portugal*, e uma tragédia anônima sobre Inês de Castro (A. Cabral., *Southey e Portugal...*, 1959, pp. 501-522).

Em 1799, planejou seu retorno a Portugal para cuidar dos problemas de saúde que o atormentavam – insônia, falta de apetite, palpitações e inaptidão ao trabalho. Também aproveitaria a estadia tanto para projetar uma inédita história filosófica e erudita da nação portuguesa em escala imperial, quanto para se inspirar no palco de guerras épicas com o intuito de reconstruir cenários para seus poemas (*Idem*, p. 318; W. Speck, *Robert Southey...*, 2006, p. 81). Outro fator motivador que não deve ser desprezado foi a falta de interesse em continuar os estudos jurídicos, iniciados em Bristol em 1797. Se a primeira excursão pela Península Ibérica foi motivada pelo tio como uma forma de distanciá-lo das polêmicas nas quais o sobrinho se envolvia devido a seus ardores revolucionários, a segunda estadia em Portugal, por sua vez, se deu movida pela sua intenção de se estabelecer como homem de letras (M. Z. Castanheira, “Speaking in Portuguese and Writing in English”, 2011, pp. 143-151).

Southey e a esposa Edith desembarcaram no Tejo dia 30 de abril de 1800 e a permanência em Portugal durou até o final do mês de junho de 1801. O letrado britânico realizou duas excursões durante esse período, sendo que a primeira abrangeu em seu percurso Batalha, Alcobaça e Coimbra e a segunda os territórios de Évora, Beja, Ourique e as cidades da costa do Algarve. Anteriormente a essas excursões, dedicou-se, durante o outono e o inverno de 1800, à coleta de materiais e estudos para a composição da *História de Portugal*, estabelecendo-se em Lisboa, após ter passado o verão em Sintra. Em Lisboa, valendo-se das



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

recomendações do tio, Herbert Hill, e do letrado britânico John Bell, teceu uma ampla rede de contatos fundamentais para a viabilização do acesso à documentação. Dentre os letrados renomados aos quais foi apresentado, Southey mencionou o censor de livros e membro da Academia Real de Ciências João Guilherme Cristiano Müller, mostrando-se grato a ele: “Müller proporcionou-me acesso a biblioteca de manuscritos, e eu espero através dele, diariamente, uma introdução ao *desembargador* [António Ribeiro dos Santos], meu vizinho do lado oposto, bibliotecário chefe, um *curioso* na poesia da nação, cuja coleção é rica com duplicatas das bibliotecas jesuítas” (R. Southey, *Journals of a Residence in Portugal 1800-1801...*, 1960 [1801], p. 144). Tal gratidão é estendida ao sub-bibliotecário, Agostinho José da Costa Macedo, que surpreendeu o letrado britânico ao se mostrar um “homem inteligente, – mais interessado em falar livremente do que eu estava em encorajá-lo. Ele não se alarmaria ao ver-me empenhado sobre os registros que ele abomina religiosamente tanto quanto eu” (Idem, 145-146).

Southey realizou excursões que possibilitaram a ampliação das suas redes de contatos. Em Coimbra, foi recebido por letrados que o familiarizaram com a cidade: “Nossas cartas foram para Francisco Soares Franco – um médico – e para o Professor de Botânica, Felix Avelar Brotero, dos quais experimentamos toda civilidade útil e alternativa. Eles guiaram-nos ao Jardim Botânico, ao Museu e à Prensa da Universidade [...]” (Idem [1800], p. 26). Em Beja, foi recebido pelo afamado Manoel do Cenáculo Vilas-Boas, Bispo naquela cidade, um homem “pequeno, alegre, de olhos grandes – um santinho com um cajado eles o chamam – amado e reconhecido evidentemente por todos em sua volta” (Idem [1801], pp. 38-39). Posteriormente à sua passagem por Beja, Southey enviou uma carta para o Bispo, escrita em português, o que comprova tanto a sua fluência na língua quanto a falta de acuidade ortográfica e gramatical (Idem [1801], p. 163).

A boa recepção em meio aos letrados portugueses indica o interesse dos mesmos com relação à composição de uma história erudita e filosófica da nação. No âmbito da Academia Real de Ciências de Lisboa, fundada em 1779, esforços eram realizados na Classe de Literatura Portuguesa visando à composição de tal obra (T. Silva, *Maquinações da Razão Discreta...*, 2010). Para Southey, as demandas historiográficas dos acadêmicos em grande medida se aproximavam do seu projeto, o que o levou a reconhecer: “A Academia facilitou muito meu trabalho ao publicar muitas das suas antigas crônicas em um preço passível de compra, como também as leis de Portugal” (R. Southey, *Journals of a Residence in Portugal 1800-1801...*, 1960 [1801], p. 138). Tais elogios foram estendidos à Universidade de Coimbra, que também “agiu muito sabiamente” ao editar as “Ordenações de Afonso 5º” (Idem [1801], p. 119).

Southey retornou a Portugal focado em se estabelecer como um homem de letras. Os seus ardores revolucionários se atenuaram com a sucessão de eventos na França. William Speck expõe como os seus posicionamentos políticos oscilaram durante o curso da Revolução, destacando tanto o seu repúdio à violência disseminada, quanto uma apreciação positiva da personalidade do jacobino Robespierre (1758-94) e do girondino Brissot (1754-93), o que o levou a lamentar as mortes de ambos (W. Speck, *Robert Southey...*, 2006, pp. 37, 46, 64). Em meio à desorientação que a Revolução trazia, seu ceticismo com relação ao presente se expandia e se o passado podia ser em alguma medida um refúgio para imaginação do poeta, a sua idealização estava igualmente vetada, tendo em vista as barbáries pretéritas (Idem, p. 73). Diante dessa



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

complexa sensibilidade à temporalidade e oscilação de ajustamentos políticos, a ascensão de Napoleão foi o golpe fatal responsável por afastar Southey dos ideais revolucionários (Idem, p. 81).

Simultaneamente à leitura das obras historiográficas e literárias canônicas lusitanas e a interlocução com os acadêmicos portugueses, Southey avaliava seu empreendimento de escrita da *História de Portugal* em face às realizações de Edward Gibbon, David Hume, William Robertson, William Roscoe e Samuel Johnson, uma vez que a sua intenção era compor a obra em língua inglesa. Dessa forma, o letrado tinha a expectativa tanto de auferir lucros quanto de se tornar um sucesso de crítica com as vendas da obra na Grã-Bretanha (R. Southey, *Journals of a Residence in Portugal 1800-1801...*, 1960 [1801], pp. 149, 166).

Segundo Southey, a linguagem descritiva e refinada de Johnson era insuficiente para narrar os grandiosos feitos militares dos portugueses no medievo. Compreensão semelhante era estendida às obras de Gibbon e Hume, pois esses letrados eram concebidos como excessivamente enredados no decoro clássico, o que colocava obstáculos ao cultivo da individualidade. Em contrapartida, Southey concebia que as expressões literárias de letrados como Francis Bacon (1561-1626), John Milton (1608-1674) e Jeremy Taylor (1613-1667) era análoga em rusticidade, simplicidade e clareza às enunciações empregadas pelos cronistas portugueses. Southey considerava esses letrados como clássicos superiores aos antigos e aos modernos por não terem sido contaminados pelo “gosto metafísico” que vigorou no século XVII. Em suas obras estava presente a rusticidade dos escritos dos séculos XIV, XV e XVI.

Ora, utilizar a linguagem adequada para a composição da obra em língua inglesa era fundamental para Southey, uma vez que os feitos narrados de um passado remoto não podiam ser confundidos com o refinamento do tempo presente. A rusticidade medieval portuguesa devia ser recuperada em seus próprios termos, sendo digna a restituição da sua particularidade. Com efeito, Southey concebia que o público letrado de língua inglesa teria interesse na História de Portugal, especialmente em seus mitos de fundação, haja vista suas semelhanças com a história da Grã-Bretanha, cujas origens estavam igualmente envolvidas em fantasias e mitos populares.

Em seu projeto inicial, Southey enuncia a intenção de depreender uma pedagogia universal da história de Portugal, sendo seu objetivo demonstrar tanto as potencialidades positivas, quanto as negativas dessa nação para o progresso civilizacional. A expectativa do letrado era que a partir da escrita da *História de Portugal* fosse possível acessar uma pedagogia universal sobre o desenvolvimento das nações. Portanto, Southey estava envolvido no duplo desafio de tanto restituir a importância do passado dessa nação para a Europa, tendo em vista os preconceitos dos letrados do século XVIII com relação às raízes medievais, quanto problematizar as ações históricas passíveis de causar a decadência. Nesse sentido, o passado tanto era a fonte de feitos grandiosos a serem restituídos como monumentos da herança cultural gótica europeia, quanto a origem dos equívocos que provocaram a decadência da nação no século XVI com a “miserável expedição de [Dom] Sebastião” para África (R. Southey, *Journals of a Residence in Portugal 1800-1801...*, 1960 [1801], p. 146).

Após retornar da sua estadia em Portugal, Southey trabalhou como secretário privado do Ministro das Finanças na Irlanda por alguns meses. Em setembro de 1803 mudou-se para Keswick, no Distrito dos Lagos,



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

para dividir uma casa com Coleridge e Sara, que lá já moravam. Southey residiu em Keswick até o fim da vida, onde cuidou de sua numerosa família – Edith deu à luz a oito filhos. O letrado residiu a doze milhas de William Wordsworth, seu amigo e colaborador. Southey também desfrutou de uma boa relação com Walter Scott, responsável por indicá-lo para o posto de poeta laureado, ocupado por ele a partir de novembro de 1813.

Southey só se tornou um funcionário do Estado porque se afastou dos ideais revolucionários e de suas críticas à Igreja Anglicana. Em 1807, Wynn conseguiu uma pensão do governo para Southey, com a finalidade de financiar sua atuação como homem de letras, substituindo a pensão concedida por ele mesmo ao amigo. Foi em 1807 que Southey começou a se posicionar mais solidamente contra a Emancipação Católica, ou seja, a concessão de plenos direitos políticos a católicos, pauta que impulsionou a escrita da obra de ficção *Letters from England by Don Manuel Alvarez Espriella*, publicada em julho daquele ano.

Entre 1809 e 1813 foi financiado pelo periódico *Edinburgh Annual Register* para escrever a história dos eventos contemporâneos que se passavam na Europa. Em 1809 iniciou sua longa colaboração com o periódico *Quarterly Review*. No âmbito da política internacional, defendeu a guerra contra Napoleão; já no âmbito interno do Império Britânico, seu foco era impedir a reforma constitucional que propunha viabilizar a Emancipação Católica, questões determinantes para as publicações posteriores das obras *History of the Peninsular War (1823-1832)* e *The Book of the Church (1824)*.

Southey sentia mais prazer em seu ofício de historiador do que no de poeta, sendo sua maior ambição a escrita da *História de Portugal*. Em 1804 seu projeto consistia em compor três volumes relativos à parte europeia da História de Portugal; dois ou três volumes correspondentes à História do Império Português na Ásia; um volume para a História do Brasil, um volume para a História dos Jesuítas no Japão, dois volumes para a História Literária da Espanha e Portugal, e um volume para a História do Monasticismo. Desse projeto monumental, Southey concluiu somente a sua *História do Brasil*, publicada em três volumes, respectivamente em 1810, 1817 e 1819. Simultaneamente ao projeto de escrita da *História de Portugal*, reeditou os romances de cavalaria *Amadis of Gaul (1803)*, *Palmerin of England (1807)* e *Chronicle of the Cid (1808)*.

Herbert Hill o aconselhou em dezembro de 1806 a iniciar a História de Portugal pela História do Brasil, devido à crise internacional instaurada pela expansão napoleônica. Em consonância com o reformismo ilustrado luso-brasileiro, Southey compreendia que uma potencial separação política entre Brasil e Portugal poderia ser decisiva para a fragmentação do território americano com o desencadeamento de revoluções. Nesse sentido, apresenta uma macronarrativa de formação ambivalente em sua *História do Brasil*, que, se por um lado, mostra a atuação de colonizadores portugueses “bárbaros” e “fanáticos”, por outro, evidencia o quanto os portugueses foram determinantes para a civilização do Brasil, que por seu turno perpetuava a herança cultural e linguística portuguesa. Desse modo, a sua *História do Brasil* oscila entre a valorização e a crítica da ação colonizadora dos portugueses. A atuação dos jesuítas, em especial, é destacada como fundamental para a elevação das populações indígenas do pretense estado de selvageria. Southey defendia que o processo colonizador empreendido pelos portugueses, em muitos aspectos, era mais vantajoso do que o dos britânicos em seus domínios, fosse pela mistura étnica que favorecia a preservação da unidade



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

territorial, fosse pelas virtudes cavalheirescas legadas pelos portugueses (Cf. A. Ramos, *Robert Southey e a experiência da história...*, 2019; F. Varella, *Um Brasil Medieval...*, 2021).

Southey foi muito criticado em meio aos letrados portugueses, luso-brasileiros e britânicos pelo excesso de detalhes em sua obra, que cansavam e desorientavam o leitor. De fato, o letrado britânico apresentou uma síntese do sentido do processo colonizador do Brasil apenas no último capítulo do último volume da *História do Brasil* (1819), *View of the State of Brazil*. Se nesta obra, que deveria ser parte da monumental *História de Portugal*, Southey não apresentava argumentos legitimadores da independência política do novo Império, que surgiu em 1822, optando pela defesa da unidade política, em 1829 ele publicaria um ensaio no *Quarterly Review*, *Political and Moral State of Portugal*, no qual explicava a causalidade entre a “decadência” histórica de Portugal e a inevitabilidade da fragmentação política do Império português.

Mesmo demonstrando traços de senilidade, Southey afirmou em correspondência até o ano de 1839 o desejo de publicar a sua monumental *História de Portugal*. Já em 1838, amigos e parentes próximos notavam os sinais da idade avançada do letrado. Edith, após passar longos anos em depressão, foi internada com o diagnóstico de demência, em outubro de 1834. Faleceu em 16 de novembro de 1837. Southey se tornou noivo da poeta Caroline Bowles em 1838 e consumou o casamento no dia 4 de junho de 1839. Nos meses subsequentes, os sinais de senilidade se agravaram, fazendo com que o letrado interrompesse sua muito ativa correspondência no dia 6 de setembro de 1839, devido ao avanço do quadro de doença mental. Faleceu no dia 21 de março de 1843, em Keswick, aparentemente de febre tifoide.

A memória de Robert Southey e sua *História do Brasil* foi, sem dúvida, importante para o processo de formação da nação no Brasil no século XIX. Tornou-se fundamental para projetos historiográficos muito distintos, como a *História dos Principais Sucessos Políticos do Império do Brasil* (1826), de José da Silva Lisboa, comprometida com a tessitura das continuidades entre o presente do novo Império e o seu passado colonial, e a *História do Brasil* (1836) do britânico John Armitage, engajada com o aprofundamento da distância histórica entre Brasil e Portugal após a abdicação de Dom Pedro I. A monumentalidade da *História do Brasil* de Southey impulsionou Francisco Adolfo de Varnhagen a se empenhar arduamente em sua busca por fontes inéditas em arquivos, decisivas para a escrita da *História Geral do Brasil* (1854-1857). Ademais, a publicação da tradução da *História do Brasil* de Southey em língua portuguesa no ano de 1862, que contou com anotações do cônego Fernandes Pinheiro, se deu em um contexto de disputas historiográficas acirradas em meio aos sócios do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), movidas por projetos distintos de políticas indigenistas a serem desenvolvidas pelo Império do Brasil. Nesse contexto, os letrados brasileiros ligados à herança romântica tinham na obra de Southey uma interpretação mais palatável no que tange à dignidade histórica dos povos indígenas, em contraposição às apreciações extremamente cáusticas de Varnhagen a propósito dessa questão.

Southey foi admirado por Almeida Garrett, que logrou êxito em sua solicitação a D. Maria II para a concessão da honraria de Cavaleiro da Torre e da Espada ao letrado em abril de 1838, devido a sua contribuição para a história de Portugal, sistematizada em sua *História do Brasil* (Cabral, A., “Garrett, Southey e a Torre e Espada”, 1957, p.10). Tamanha admiração à sua obra também foi expressada por Capistrano de



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Abreu e Gilberto Freyre. Por sua vez, na Grã-Bretanha vitoriana, Southey foi relegado a um relativo esquecimento. Entretanto, nas últimas décadas, a intensificação dos estudos da sua obra vem sendo acompanhada pela reedição das *Letters from England* (2016) e *Sir Thomas More: or, Colloquies on the Progress and Prospects of Society* (2018), assim como de projetos editoriais de grande monta em curso, como a edição de parte da sua inconclusa História de Portugal pelo pesquisador Alexandre Dias Pinto, e o projeto de publicação de toda a sua correspondência por Linda Pratt, Tim Fulford e Ian Packer. A concretização desses trabalhos que trazem a público material inédito certamente contribuirá para a elaboração de interpretações mais complexas sobre a obra de Southey e o seu legado, que interconectam de forma profícua temporalidades e espacialidades diversas em escalas transatlânticas.

Bibliografia ativa: *History of Brazil*, Part the First, London, Printed for Longman, Durst, Rees, Orme, and Brown, Paternoster-row, 1810; *History of Brazil*, Part the Second, London, Printed for Longman, Durst, Rees, Orme, and Brown, Paternoster-row, 1817; *History of Brazil*, Part the Third, London, Printed for Longman, Durst, Rees, Orme, and Brown, Paternoster-row, 1819; *Journals of a Residence in Portugal 1800-1801 and a Visit to France 1838*, Ed. Adolfo Cabral, Oxford, Clarendon Press, 1960; *Letters from England: By Don Manuel Alvarez Espriella*, Abingdon, Routledge, 2016; *Letters Written during a short Residence in Spain & Portugal, with Some Account of Spanish & Portuguese Poetry*, Bristol, Printed by Bulgin and Rosserfor Joseph Cottle, Bristol, and G. G. and J. Robinson and Cadell and Davies, London, 1797; *Letters Written During a Short Residence in Spain and Portugal*, 2nd Ed. Bristol, Printed by Biggs and Cottle, for T. N. Longman and O. Rees, Paternoster-Row, London, 1799; “Political and Moral State of Portugal”. *The Quarterly Review*. London, John Murray, Albermale Street, n. 41, 1829, pp. 184-226; *Sir Thomas More: or, Colloquies on the Progress and Prospects of Society*, Abingdon, Routledge, 2018; “Tracts on the Spanish and Portuguese Inquisitions”. *The Quarterly Review*. Vol. VI. London, Printed by D. & G. Bruce, 1812, October and November 1811, pp. 313-357.

Bibliografia passiva: CABRAL, Adolfo, “Garrett, Southey e a Torre e Espada”. *Diário da Manhã*, 20 de fevereiro 1957, p. 10; CABRAL, Adolfo, *Southey e Portugal: aspectos de uma biografia literária (1774-1810)*, Lisboa, P. Fernandes, S. A. R. L., 1959; CASTANHEIRA, Maria Zulmira, “Speaking in Portuguese and Writing in English’. Representações de Portugal na obra de Robert Southey”. SARMENTO, Carla, *Diálogos Interculturais*. Porto, Vida Económica, 2011, pp. 143-151; Idem, “The best laid schemes sometimes turn out the worst’: Robert Southey’s Success and Failure”. *Via Panorâmica*, v. 2, 2009, pp. 89-100; RAMOS, André da Silva, *Robert Southey e a experiência da História: conceitos, linguagens, narrativas e metáforas cosmopolitas*, Vitória/Mariana, Editora Milfontes/SBTHH, 2019; SILVA, Taise Tatiana Quadros da, *Maquinações da Razão Discreta: Operação historiográfica e experiência do tempo na Classe de Literatura Portuguesa da Academia Real das Ciências de Lisboa (1779-1814)*, Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2010; DIAS, M. Odila da Silva, *O Fardo do Homem Branco: Southey, historiador*



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

do Brasil, São Paulo, Brasiliana, 1974; DIAS PINTO, Alexandre, "Rewriting the origins of the national master narrative in Robert Southey's 'Fabulous History [of Portugal]'", GASKILL, Gerald Bär Howard, *Ossian and National Epic*. Berlin: Peter Lang, 2012; SPECK, W. A., *Robert Southey: entire man of letters*, New Haven, Yale University Press Publications, 2006; VARELLA, Flávia Florentino, *Um Brasil Medieval: raça, clima e etapas civilizacionais na História do Brasil de Robert Southey*, Belo Horizonte, Fino Traço, 2021.

André Ramos